



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

## IDENTIDADE E EDUCAÇÃO DE MULHERES NEGRAS DE BUÍQUE-PE

Irailda Leandro da Silva  
Gerência Regional de Educação de Arcoverde  
[iraildaleandro@yahoo.com.br](mailto:iraildaleandro@yahoo.com.br)<sup>1</sup>

### 1. Introdução

A pesquisa que deu origem a este texto foi desenvolvida no Sítio Mundo Novo, município de Buíque no estado de Pernambuco. Para tanto, foram selecionadas 12 mulheres negras que passaram pelas escolas da região na década de 1980 a 1990. Tanto a temática, quanto o período foram escolhidos justamente porque marcaram as discussões e estudos relacionados aos fenômenos educacionais ligados às questões étnicas e do gênero feminino, como também a vida escolar desta que vos fala, mulher negra, filha de remanescentes de quilombo, de classe popular e que também passou por um processo lento em sua formação.

O estudo ora desenvolvido teve como objetivo principal identificar nas falas das depoentes possíveis contribuições da escola para a construção da identidade negra. Identidade que aqui é entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural, que se constrói gradativamente em um movimento que envolve diversas variáveis, causas e efeitos. E implica uma construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmo, a partir da relação com o outro.

Na escola, a criança vem cada vez mais cedo repartir as atenções e os cuidados da professora com os outros companheiros de turma (LOPES, 2006). É uma das primeiras disputas referenciadas sob a ótica do grupo, do qual podem surgir atitudes preconceituosas e/ou estigmatizantes que afetam profundamente a vida de um indivíduo.

A pessoa que é estigmatizada geralmente possui um traço que a difere da maioria. E, assim, ela passa a ser rotulada de negra, homossexual, deficiente mental, judeu, etc. No dizer de Glat,

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde; pós-graduada em Língua Portuguesa pela Universidade de Pernambuco e defendeu a Dissertação “Caminhos e Descaminhos da escola na vida de Mulheres negras de Buíque – 1980/1990”, Universidade Federal de Pernambuco, adquirindo o título de Mestre em educação. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre História da Educação e Ensino de História em Pernambuco- NEPHEPE- UFPE e atualmente atua como Técnica da Unidade de Desenvolvimento de Ensino da GRE/Arcoverde-PE.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

(...) em qualquer grupo social em que se compartilha um conjunto de valores em relação ao qual os indivíduos são situados, cada um é percebido e tratado pelos outros de acordo com as características presumíveis da categoria social à qual pertence (1989, p.18).

Aliás, a porção pior de alguns indivíduos leva a rotular a todos que fazem parte de uma mesma configuração social. Quando alguém é rotulado por uma falta, conforma sua identidade pessoal de acordo com as características que lhes são atribuídas e passa a agir segundo os padrões de comportamento esperados.

O papel de estigmatizado determina suas oportunidades, suas relações sociais, experiências e expectativas. O indivíduo passa a ser visto apenas pela sua característica estigmatizante. Segundo Elias (2000, p. 27), até mesmo o próprio nome dos indivíduos que estão de fora numa relação de poder consegue trazer implicações de inferioridade e desonra.

A seguir faremos uma breve revisão da literatura e trataremos de alguns cuidados referentes a metodologia utilizada para dar suporte à análise dos depoimentos, lançando mão dos aportes teóricos defendidos por Glat (1989); Bosi (1994); Montenegro (1992) e Thompson (1992).

## **2. Organizando a memória**

A utilização da fonte oral busca a interlocução entre o passado e o presente, tendo como contexto a realidade cotidiana que a pessoa vivenciou, e comumente utiliza-se um tipo específico de entrevista. Esse termo “entrevista” aqui será utilizado para nos referirmos ao momento em que o pesquisador e o entrevistado estão frente a frente. E o termo “depoimento” servirá para se fazer referência ao resultado da relação comunicativa. Assim, explica-se essa dualidade de expressão, pois ora falamos entrevista, ora, depoimento (SANTOS, 1995, p. 23).

Nos depoimentos, a pessoa fala sobre suas vivências sem necessidade de que os fatos sejam totalmente verificados. O que interessa nesse método é o ponto de vista da pessoa. Glat (1989) afirma que “o objetivo desse tipo de estudo é justamente aprender e compreender a vida conforme ela é relatada e interpretada pelo próprio ator” (p. 29).

## **3. Pesquisa de campo**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A pesquisa de campo se deu em dois momentos distintos: em um primeiro momento, realizamos um levantamento dos documentos referentes às alunas que freqüentaram as escolas da região no período que desejávamos estudar (década de 1980). A partir da análise desses documentos, selecionamos doze ex-alunas desse período e, em um segundo momento, realizamos entrevistas individuais com cada uma delas. Na seqüência, apresentamos a descrição de cada uma dessas etapas do processo da coleta de dados.

### **3.1. Primeiro Momento: O Garimpo**

O primeiro procedimento para a coleta de dados desta pesquisa realizou-se na Secretaria Municipal de Educação de Buíque, especificamente no Setor de Documentação, onde obtivemos acesso aos diários de classe das duas escolas municipais da região do Sítio Mundo Novo.

A seleção das entrevistadas se deu mediante uma análise dos documentos de matrícula acima mencionados, onde consta o nome da aluna, data de nascimento e o nome dos pais. E, como os sobrenomes dos indivíduos pretos e pardos da localidade são bem conhecidos na região – inclusive são inferiorizados por esse fato –, não foi difícil identificar as alunas em questão.

### **3.2. Segundo Momento: As entrevistas**

O início da coleta dos depoimentos se deu exatamente no dia 22 de novembro de 2006, quando foi realizada a primeira entrevista na residência da primeira ex-aluna. Essa entrevista foi-nos de grande valia para termos noção do trabalho que tínhamos pela frente, diante das dificuldades para sua realização. A família estava quase toda reunida e, apesar de ser solicitada a colaboração de todos para a realização da entrevista, houve várias interferências.

Embora a entrevista tenha sido realizada em um cômodo da casa isolado dos familiares da depoente, quando esta não lembrava alguma coisa as irmãs, ou a mãe, respondiam por ela, pois era possível ouvir a entrevista. Mesmo assim, a participação delas não interferiu no resultado do depoimento. Esse fato nos remete a um dos cuidados ressaltados por Thompson (1992), quando afirma que antes de uma entrevista a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

primazia é sobre “um cômodo tranquilo em que você não seja perturbado por vozes de outras pessoas...” (p. 269).

Das doze entrevistas, oito foram realizadas nas residências das depoentes. Segundo Thompson (1992), essa escolha ajuda na relação depoente/ pesquisador, porque se tem um melhor conhecimento da vivência da depoente. Essa interação social entre pesquisador e entrevistado é reforçada com as palavras a seguir:

A importância da qualidade da relação pessoal que se estabelece entre entrevistador e entrevistado (cientista e sujeito, clínico e paciente, ou qualquer outra díade) é enfatizada por diversos autores que trabalham com o método de história de vida ou similares (GLAT, 1989, p. 33).

E essa empatia, diz a autora, não ocorre somente em relação às palavras, mas também pela inflexão da voz, pela expressão fisionômica e por diversas manifestações de comportamento.

Continuamos realizando as entrevistas de acordo com a disponibilidade das depoentes e de locomoção até o local da pesquisa, pois a distância entre o Recife e o Sítio Mundo Novo, em Buíque, é de aproximadamente 300 km.

Antes do início de cada entrevista, explicamos aos sujeitos que estávamos pesquisando como se deu a educação de mulheres negras na década de 80 no Mundo Novo e gostaríamos que elas falassem um pouco sobre sua infância na escola.

Seguindo orientações sobre o método em questão, cada entrevista era sempre iniciada com a seguinte sugestão: “Fale um pouco sobre quando você foi pra escola pela primeira vez”. Dessa forma, logo de início eram elas que determinavam o curso da entrevista.

Às vezes era necessário que a entrevistadora interferisse, fazendo alguma pergunta quando a entrevistada tinha dificuldade de se expressar verbalmente. Nesses momentos, a entrevistadora precisava ser mais enfática para poder estimular a conversa.

Entretanto, eram sempre elas que direcionavam a conversa, inclusive parando de falar quando achassem que não tinham nada mais a dizer. As duas primeiras entrevistas duraram, em média, cerca de uma hora e quarenta minutos. As demais foram mais



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

curtas, durando mais ou menos uns 40 minutos cada uma, e terminavam sempre quando as depoentes declaravam que não se lembravam de mais nada.

O trabalho realizado com as depoentes residentes na comunidade do Mundo Novo para coleta dos depoimentos foi encerrado em maio de 2007. Todas as entrevistas foram gravadas e depois transcritas textualmente. No caso de algumas palavras que não conseguimos decifrar, optou-se por omitir o trecho ou indicar com reticências. Após a transcrição, analisamos o conteúdo dos textos separando os temas predominantes para a construção da identidade delas.

### **3.3 Memórias da escola**

Nosso objetivo a seguir é desenvolver a produção do texto, tomando como base os depoimentos das ex-alunas das escolas municipais Ana Rosa de Almeida e Júlio Domingos Ramos, sobre suas memórias das relações que estabelecem no período em que passaram pela escola, década de 1980.

### **3.4. “nego num gosta do outro, num gosta não! (risos). eu acho que não!”**

Na tentativa de compreender o que se passou nesse universo das subjetividades de nossas entrevistadas, vejamos o que diz Toinha quando perguntada se se lembrava da primeira vez que foi para a escola:

“... eu me alembro como hoje, me alembro como hoje. Tinha um, a minha prima mesmo, oiô um oi bem fechado mesmo, Sim minha prima... passou o oi! Eu pensei, talvez seja engano, né! porque nego num gosta do outro, num gosta não! (risos). Eu acho que não! Após é, aí eu maginei assim, passou o oi pra mim porque ela num gosta de nego, eu também vou passar o oi pra ela, aí eu passei também... a pessoa fica desconfiadadinha por ali e a pessoa num dá demonstração, num vai brigar pru mode a rabada de oi, e assim a pessoa vai vivendo”(Toinha).

A percepção de Toinha sobre negro (a) é evidenciada quando ela deixa transparecer em sua fala a imagem que faz sobre si mesma, em relação com os outros e com o mundo: “...passou o oi pra mim porque ela num gosta de nego.”. Pressupõe-se que nesse ponto a depoente está se referindo aos seus próprios atributos físicos e de seus pares, que são como espelhos que refletem a sua própria imagem Glat (1989).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Seguindo nessa direção, foi possível perceber que nessa comunidade, em específico, os moradores são estigmatizados tanto porque são negros como porque pertencem às famílias conhecidas pelo seu sobrenome e pelo local onde moram. Esse fato pode ser confirmado quando as pessoas vão comentar qualquer acontecido nessa comunidade, geralmente se referem aos negros como “*mundiça*” ou “*raça*”, de forma pejorativa, usando a expressão da seguinte forma: “*foi aquela raça do Mundo Novo*”, ou “*só podia ser aquela mundiça do Mundo Novo*”.

Fica claro para todos que residem nas redondezas que quando se utiliza uma dessas expressões estão se referindo apenas aos negros do Mundo Novo, os não - negros ficam literalmente fora dessas denominações.

Como já frisamos antes nos capítulos iniciais quando falamos sobre o estigma, basta que apenas alguns indivíduos de um grupo possuam uma porção pior para que todos sejam rotulados pelo mesmo desvio. Assim, mesmo que os brancos do Mundo Novo pratiquem atos ilícitos ou fora dos padrões de comportamento esperado, jamais seriam taxados de “*mundiça*” ou de “*raça*”.

Gracinha, ao falar das dificuldades que enfrentou na escola para aprender, também explicita elementos que contribuíram para que ela se autodeclarasse como principal culpada pelo insucesso escolar:

[...] Num aprendi nada sequer, num aprendi nada, porque até hoje eu sou burra... (Gracinha).

A forma como o indivíduo vê a si mesmo e se situa no mundo depende fundamentalmente da mensagem que ele recebe das pessoas que as cercam. Aliás, sua identidade pessoal e social age em função das definições que os outros têm em relação a ele. Uma das inferências que podemos relacionar a imagem que a depoente faz de si está associada à imagem inferiorizada que a mulher negra carrega consigo desde o tempo da escravidão e que perdura até hoje. Esse fato nos parece um reflexo da teoria da degenerescência, que rotulava o negro de incompetente, e por meio do processo do embranquecimento vivenciado no País após o período abolicionista, que resultou numa população homogênea e eurocêntrica.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Tais princípios norteadores da teoria da degenerescência baseada na inferioridade do negro brasileiro pode ser uma das causas desse sentimento de incompetência explicitado por Gracinha quando faz referência à aprendizagem na escola.

Mais adiante, no entanto, a fala de Gracinha traz nítidas evidências de que houve a interferência de muitos outros fatores que podem explicar suas dificuldades na escola, tais como: colocada na escola muito tarde, isto é, fora de faixa; iniciada no trabalho doméstico e no campo muito precocemente; de classe popular; família destituída de capital cultural, na visão de Bourdieu (1987); inclusive diversas relações estabelecidas entre ela, os companheiros de turma e a professora na sala de aula, foram perceptivelmente negativas. A seguir, apresentamos algumas das falas que revelam sinais desses fenômenos:

Eu ficava na última cadeira de cá, quando ela corrigia as cadeiras tudinho é que vinha, ficava pelo recanto... eu era do Mobral, nera? e elas do pré.[...] Fui pra escola já velha, não fui quando era pequena, mãe me botou já grande (Gracinha).

A imagem que Gracinha tem de si, ou seja, a imagem que os outros lhe passaram fizeram com que ela acreditasse na sua incompetência diante do saber formal. Ficou marcado até a data da presente entrevista, na vida dessa mulher, que ela é “burra”.

De acordo com Noé e Balassiano, não podemos identificar se Gracinha foi estigmatizada por ser mulher, negra ou pobre, pois a maneira como se inter cruzam as diversas formas de opressão na vida de mulheres negras e de classe popular não é uma tríade de fácil compreensão. Para eles:

Estas diferentes estruturas – classe, raça, gênero - não podem ser tratadas como variáveis independentes, porque a opressão de cada uma está inscrita no interior da outra – é constituída do interior pela outra e é constituinte da outra (2003).

Ainda de acordo com as idéias desses autores, as relações de gênero radicalizadas e as etnicidades generificadas são combinações que vêm sendo alvo de vários estudos, embora ainda estejamos longe de obter mudanças concretas a partir desses resultados.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Sobre algumas afirmações das ex-alunas referentes à discriminação e ao preconceito por que passaram durante as relações escolares que estabeleceram no período, Gorete lembra que na maioria das vezes não brincava na hora do recreio:

[...] a pessoa não podia nem olhar de lado, porque eles davam mesmo, era! Bastava olhar assim... nós ficava sentado lá no grupo... ficava dizendo coisa com a pessoa e eu não gostava não... chamava de nega ...” (Gorete).

Quando a depoente diz que os outros davam, significa que batiam nela e nos irmãos, literalmente. Por isso, costumavam sempre ficar fora das brincadeiras na hora do intervalo. Nessa configuração escolar, a depoente se sentia estigmatizada junto com seus irmãos. Podemos inferir que nesse caso se estabelecia uma relação de poder descrita por diversos autores (GLAT, 1989; ELIAS, 2000; GOMES, 2005) como relações de poder de alguns indivíduos sobre outros de menor prestígio ou por uma falta – causada por diversos fenômenos – de estigma.

### **3.5. O papel da família**

Selecionamos as falas das depoentes que se reportavam à importância do papel da família em sua vida escolar, destacando as memórias que revelavam os pais incentivando a ida à escola e os irmãos mais velhos como referência positiva.

#### **3.5.1. “Minha Mãe Sempre Mandava Eu ir pra Escola”**

Em relação ao apoio da família para que suas filhas frequentassem a escola, apenas 3 das 12 depoentes enfatizaram que iam para a escola porque queriam e porque gostavam e que ninguém lhes aconselhava para que fossem. As demais destacaram a importância da relação familiar para o incentivo e o interesse pelos estudos.

[...] era meu pai que mandava, ele se interessava muito que a gente estudasse  
[...] Eu tinha uns sete anos quando comecei a estudar. Era meu pai que mandava, ele se interessava muito que agente estudasse (Nira).

Minha mãe sempre mandava eu ir pra escola: “Vá pra escola!” (Josa).

Meus pais sempre pediam pra eu ir pra escola. Aconselhavam pra não brigar.  
(Adriana)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Todo dia mãe mandava eu ir pra escola estudar (Fernanda).

Minha mãe mandava eu ir pra escola! (Marina).

Nota-se nesses depoimentos a importância do papel dos pais quanto ao incentivo aos estudos. Embora a realização de trabalhos na roça e em casa tenha sido destacado por essas depoentes, percebe-se que havia a preocupação dos pais em manter os filhos estudando. Em nosso levantamento, e também nas próprias falas das entrevistadas, elas afirmam a pouca ou nenhuma escolaridade dos pais, o que evidencia que isso não serviu de impedimento para que elas não fossem incentivadas a estudar. Uma delas lembra que a mãe só estudou até a quarta série primária e o pai até a 2ª série; e afirma:

[...] ele só sabe fazer o nome, lê, mas palavrinhas assim, soltas, mas a leitura é muito pouca. Já minha mãe, ela lê até carta (Adriana).

A reflexão sobre essas falas nos remete à discussão feita no início do trabalho sobre as idéias de Bourdieu (1987) e Charlot(2001). A condição dos pais das depoentes parece não ter sido fator determinante do nível de escolarização de algumas delas. Isso fica evidenciado nos vários regressos que a maioria das ex-alunas realizaram na tentativa de aprender. A insistência foi uma constante na infância dessas mulheres.

### **3.5.2. “Eu Vou Estudar como Eles”**

A relação com os irmãos também apareceu como um fator propulsor dos estudos de algumas dessas mulheres. Retrataremos a seguir dois tipos de relação familiar positiva a esse respeito, uma em relação aos irmãos e outra em relação ao pai:

“... A minha irmã e meu irmão, que eram mais velhos do que eu, que eram mais adiantados, os dois estudavam na mesma série, aí faziam as tarefas juntos e eu ficava meia por fora, e os meninos estudavam a série deles aí eu ficava de fora, mas sempre pensando, eu vou estudar como eles, um dia eu vou chegar lá” (Adriana).

“*Um dia eu vou chegar lá*”. Nessas palavras de Adriana, se percebe o poder que uma inter-relação positiva pode causar a qualquer ser humano. Tomemos como exemplo essa relação estabelecida entre Adriana e seus irmãos em relação à educação. Ela lembrou de um momento que lhe causou um conflito interno.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Esse momento de desapontamento – por não ser convidada a realizar as atividades escolares junto com os irmãos mais velhos – foi transformado em um desejo de um dia alcançar a posição onde os irmãos se encontravam. Essa relação de tensão e conflito entre Adriana e os irmãos poderá ser identificada como uma configuração familiar positiva, onde os espelhos (irmãos), quando se reuniam para estudar – os dois mais velhos –, deixavam a irmã menor de fora daquela configuração. Mas isso funcionou como um motor propulsor, para que ela lutasse e conseguisse estudar muito mais do que eles.

Hoje, Adriana é formada em dois cursos do ensino médio, Magistério e Estudos Gerais, faz curso de computação e só não está cursando uma faculdade porque não possui condições financeiras – pois nessa região só existe uma faculdade de formação de professores particular –, diz ela. Mas está procurando trabalho para poder continuar seu processo de escolarização. Enquanto isso, seus dois irmãos mais velhos desistiram antes de concluir o ensino fundamental.

Dessa forma, tais ações comprovam o princípio teórico que Charlot (2001) denomina de uma relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo. São esses movimentos de conflitos e tensões que estão presentes a todo instante, nas redes de configurações que retratam uma relação humana, que, por sua vez, formam a sociedade como um todo.

Outra depoente não atribui o sucesso de suas primeiras lições de escrita e leitura à escola, mas à dedicação de sua irmã:

“...eu aprendi o meu nome, foi Lenice que me ensinou, eu era muito pequena e comecei a cobrir, aí Lenice ... em casa, ela começou a ensinar, eu aprendi meu nome com ela ensinando, eu já na escola cobria e ela ia dizendo as letrinhas e eu ia fazendo, aí eu aprendi meu nome com ela, num foi na escola foi, foi com Lenice! Em casa me ensinando. Ela me ensinou bastante...” (Alzerina).

Mais uma vez se percebe na voz de Alzerina que os referenciais positivos são muito importantes na construção da identidade de um indivíduo. E tanto na família (como o primeiro ambiente onde as crianças interagem) quanto nos estabelecimentos de ensino se dão as reproduções e, conseqüentemente, as aniquilações de estereótipos e de estigmatização, como também de visualização dos efeitos perversos que esses fenômenos têm sobre os indivíduos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Outra relação positiva foi do pai de uma das depoentes. A depoente Nira também deixou transparecer em sua fala, nos gestos e nos sentimentos, que a figura de seu pai foi e ainda hoje é muito importante em sua vida escolar, principalmente quando ela falou da forma como ele aprendeu a ler

[...] aí ele aprendeu assim, lá fora, num tinha caderno nem lápis, aí ele escrevia no chão o que a professora dizia, do lado de fora da escola, aí ele ouvia e escrevia, ele era uma pessoa muito inteligente.

Essa depoente fez referência à postura autodidata do pai dando ênfase às dificuldades sócio-econômicas, e deixa transparecer toda a admiração que sempre teve pelo pai não só em relação aos referenciais educacionais, mas também pelo exemplo de vida humilde, mas honesto, trabalhador, ético e respeitado. Apesar de Nira se declarar ter sido muito estudiosa e interessada em sua formação escolar por conta do incentivo do pai, quando ela se refere a sua inteligência, diz: “*eu era muito inteligente*”, utiliza o verbo no passado, como se aprender para ela, hoje, fosse uma coisa quase impossível, apesar dos seus 32 anos de idade.

#### 4. Considerações Finais

Com base na análise dos depoimentos, procuramos responder os seguintes questionamentos: como se deu a educação das meninas negras do Sítio Mundo Novo, em Buíque - PE, de 1980 a 1990? Que elementos elas selecionaram sobre o cotidiano escolar em suas memórias? De que forma a escola contribuiu para a formação da identidade dessas mulheres negras?

Para atender tal objetivo, foram entrevistadas doze ex-alunas das Escolas Municipais Ana Rosa de Almeida e Júlio Domingos Ramos, ambas localizadas no Sítio Mundo Novo, em Buíque. Com idade variando de 29 a 45 anos, as entrevistas descreveram seu dia-a-dia na escola e no âmbito familiar, lembrando fatos que consideraram os mais significativos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A caracterização da educação das meninas negras do Sítio Mundo Novo, no período em questão, foi feita a partir de fontes documentais (Diário de Classe e Atas de Resultados Finais), de fontes iconográficas (fotografias) e essencialmente das fontes orais (depoimentos).

As fontes documentais a que tivemos acesso não atenderam às necessidades iniciais da pesquisa, pois pretendíamos trabalhar com todos os dados coletados dos Diários de Classe do período, referentes às duas escolas. No entanto, os registros dos anos de 1980, 1981, 1982 e 1983 não foram encontrados devido a um incêndio, de acordo com as informações dos responsáveis pelo setor.

Pudemos associar o fato de a maioria das depoentes não refletirem sobre a sua pouca instrução escolar ao seu pertencimento racial ou a outros fenômenos estigmatizantes, ao fato de nunca terem tido acesso a informações ou a qualquer discussão sobre a história dos espelhos positivos da história dos afro-brasileiros e dos negros da diáspora. Isso se comprova quando as depoentes Nira, Alzerina e Adriana se reportaram às contribuições do pai e dos irmãos mais velhos, que serviram como motor propulsor para o seu processo de escolarização, observando perceptivelmente. Acreditamos que o desenvolvimento educacional de Adriana pode ter se dado por conta da relação positiva vivenciada entre ela e seus irmãos mais velhos.

Levando em consideração a discussão que traçamos na presente pesquisa sobre a construção da identidade negra, que é construída a partir dos referenciais de sociabilidade do indivíduo. Foi possível perceber que as depoentes que foram estigmatizadas na escola, por conta do seu pertencimento racial, não conseguiram ir além da primeira série, mesmo que a tenham repetido.

Essas foram as que mais enfatizaram a busca constante pela educação formal, em vários momentos de suas vidas, e acreditam que ainda podem estudar se surgir oportunidade. Esse desejo de aprender possui significados diferentes para cada uma delas. Enquanto as depoentes Toinha e Gracinha pretendem aprender a fazer o nome, Alzerina, Lica, Nira e Josilene sentem a necessidade de ler para conquistar sua autonomia, como, por exemplo, “ler símbolos” nas lojas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Em relação à educação que almejam, para as que têm filhos as opiniões coincidiram até mesmo as que possuem pouco capital cultural para transmitir para eles, na visão de Bourdieu, declaram o desejo de oferecer melhores condições de estudo para seus filhos, deixando claro o sonho de se realizar por meio das conquistas educacionais dos filhos.

O período em estudo é considerado um marco na história de luta pela educação dos negros em geral e em especial da mulher negra brasileira, que objetivava não só oferecer a oportunidade de acesso à escola, mas também contribuir para elevar a auto-estima do povo negro com elementos positivos para a construção da identidade negra.

Uma das formas de elevar a auto-estima dos afro-brasileiros seria estudar a evolução do povo africano e sua influência nas diversas sociedades do mundo, e especificamente na nossa. Não foi possível perceber na fala das depoentes nenhum assunto ou discussão referente aos conteúdos da história e da cultura negra durante a passagem delas pela escola.

Esse fato veio comprovar o que vem acontecendo nas escolas do País até os dias atuais, pois, mesmo que a luta dos movimentos sociais tenha se refletido na amparo legal que institui o estudo da História e da Cultura dos afro-brasileiros e da África nas escolas de nosso País, ainda estamos engatinhando no processo de sua efetivação. Para se pensar em edificar uma educação anti-racista, é necessário, antes de tudo, atentar para a invisibilidade das crianças e jovens negros nas escolas do Brasil e o pouco conhecimento que possuímos sobre a história da África.

Dessa forma, a presente pesquisa poderá contribuir para um aprofundamento do tema em questão, principalmente porque lidamos com lembranças de pessoas simples que jamais pensaram que poderiam possuir algo importante em suas vidas que merecesse ser contado. Contudo, temos consciência de que os depoimentos aqui analisados retratam a educação das mulheres negras nesse período em uma localidade específica, trazendo à tona lembranças e sentimentos que marcaram a história da vida dessas mulheres em especial – no microcosmo -, mas que podem retratar também o que acontece em um nível mais amplo – no macrocosmo.

## 5. Referência Bibliográfica



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópoles: Vozes, 1998.
- CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- ELIAS, N. **Introdução à sociologia**. Trad. de Maria Luísa Juventa Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1970.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GLAT, Rosana. **Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental**. Rio de Janeiro: Agir, 1989.
- GOMES, Nilma L. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei nº 10.639/03/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. – Brasília: Ministério da Educação, 2005.
- LOPES, Ana L. **Currículo, escola e relações étnico-raciais**. In Educação Africanidades Brasil. MEC – SECAD – UNB – CEAD – Faculdade de Educação. Brasília, 2006.
- MONTENEGRO, A. T. **História Oral e Memória: A cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.
- NOÉ, Alberto & BALASSIANO, Ana L. **A educação e as desigualdades no Brasil: Um enfoque por raça e gênero**. Disponível em : <http://www.antroposmoderno.com>. Acesso em 29 mar. 2008.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. de Lódio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.